



AI O QUE CUSTA SOBREVIVER!..

POIS É QUERIDOS LEITORES É POR ESTAS E POR OUTRAS QUE EMBORA NOS CUSTE MUITO... NOS VEMOS OBRIGADOS A VENDER OS "RIDÍCULOS" A PARTIR DE HOJE A 7\$50... E OLHEM QUE NEM POR ISSO NOS VAI DEIXAR DE CUSTAR SOBREVIVER!



VICTOR

FÁBULAS

Uma raposa vagueava pelos campos cheia de fome. Naquele dia as coisas estavam a correr muito bem: já passava do meio da tarde e ainda nem tinha tomado o primeiro almoço, porque parece que todos os petiscos que habitualmente escolhia se tinham metido em copas.

A raposa, que como todas as raposas era bastante mãe, começava a perder a paciência, porque isto de ter paciência com a barriga cheia é uma coisa: mas com o fole das migas a dar horas, é outra muito diferente.

Até que em certa altura entrou por uma vinha dentro.

Tratava-se duma vinha dos grandes senhores a quem maldosamente chamam latifundiários, só porque eles têm muita lata. E a raposa espertou mais o passo a olhar cobiçosa para as altas parreiras, onde as uvas estavam gordinhas e bem tratadas.

Deu um ou dois saltos a ver se lá chegava, porque diabo! Uvas não é propriamente almoço de raposa, e acho mesmo que isso só tinha sido invenção ao Sr. LaFontaine porque se lhe meteu essa ideia na cabeça. Mas mais valia trincar alguma coisa do que contiuar com o maquinismo a dar horas.

Quando viu que não conseguia bater as necessárias marcas para ser apurada no salto em altura, como tem acontecido a muito bom atleta, a raposa continuou a andar, e para fazer jeito ao Sr. LaFontaine resmungou entre dentes:

Estão verdes, não prestam. Só cães as podem tragar!

E continuou a trotar pela vinha, quando de repente ouviu um ruído atrás de si. E rápida como um relampago voltou-se. Afinal era uma parra que tinha caído. A raposa lambou uma pata e ficou à espera. Ela lá sabia porquê.

Daí a instantes caía aos seus pés uma gorda galinha, a estrebuchar.

A raposa calmamente foi apanhá-la e teve o seu lauto almoço. Porque ela bem sabia que as uvas tinham sido tratadas com pesticida, e quando tinha passado por lá tinha lá visto a galinha empoleirada a come-las. Era só esperar mais um bocadinho, e à scupaca piscar o olho ao Sr. LaFontaine que nunca tinha ouvido falar em pesticidas.



A final, apertadinho, apertadinho, o Presidente Ford lá acabou por confirmar que a CIA tinha dado uma ajudazita ao Sr. Pinochet, para arrumar o caso "Allende". Pelos vistos a CIA mete o nariz em tudo, e toda a gente o sabe, mas só depois é que o vem dizer.

Em vez de CIA, talvez dizendo Chica...

Os Gregos continuam à zaragata com os Turcos. Os Turcos continuam à zaragata com os Gregos. E os seus representantes diplomáticos em todos os países andam agora a redigir comunicados sobre comunicados, os Gregos a dizer que os Turcos fizeram esta e aquela malandrice, e os Turcos a dizer que aquela e esta pirataria foi feita pelos Gregos.

E a gente lê o comunicado dum e diz: Malandros dos Turcos! Depois lê o comunicado dos do outro e exclama: Malandros dos Gregos!

E depois ficamos na mesma, sem saber quem tem razão, até ao próximo comunicado...

Mais um caso de rapto e sequestro, mais horas de ansiedade vividas pela sorte dos reféns, que estavam dominados e ameaçados se morte, se... Sim senhor, concedidas as exigências. Concedido o resgate. Conseguido o avião para o transporte. Para aqui não para ali, e por fim os raptadores já chateados com tanta complicação, entregam os reféns, entregam o avião entregam o resgate e entregam-se à prisão.

Ora, não podiam muito bem ter pensado em tudo isso antes de se armarem em malandros?

Pinochet continua de vento em popa. Agora diz que já não está em estado de guerra interna, mas sim numa espécie de estado de alerta. Entretanto para disfarçar diz que vai libertar prisioneiros. E até talvez o faça: quem tem tantos como ele, bem se pode dar ao luxo de ser perdulário e deitar fora uma meia dúzia deles, só para impressionar o pagode...

O pior é que o pagode já sabe muito e não se impressiona com meia dúzia de tretas...



ELES NÃO SABEM NEM SONHAM QUANDO ACABA A SUA GREVE A PREVER NINGUÉM SE ATREVE PARECE A CAUSA PERDIDA... MAS VÃO FAZENDO PLENÁRIOS COM SONHOS IMAGINÁRIOS, QUE O SONHO COMANDA A VIDA...

ELES NÃO SABEM NEM SONHAM! MAS SEMPRE QUE UM HOMEM SONHA ESQUECE A FOME E A VERGONHA, E DEIXA TUDO DE LADO; SÓ NÃO CONSEGUE OLVIDAR QUE É PRECISO SANEAR O INDESEJÁVEL MACHADO...

ELES NÃO SABEM NEM SONHAM! O MUNDO PULA E AVANÇA LEMBRA O BICO DUMA LANÇA AGUÇADA E BEM COMPRIDA... MAS A GREVE CONTINUA E ELES À ESPERA NA RUA, PELA DECISÃO PROMETIDA...

GREVE

COMO BOLA COLORIDA ENTRE AS MÃOS DUMA CRIANÇA ANDAM TODOS NUMA DANÇA QUE É COMO UM BAILE MANDADO; MAIS FİRME A EMINÊNCIA PARDA DO INTANGÍVEL MACHADO!

ELES NÃO SABEM NEM SONHAM QUE AS CARTAS ESTÃO VICIADAS; FICARAM COM AS MAIS PEQUENAS, SÓ TERNOS, QUADRAS E SENAS TODAS ELAS BARALHADAS...

MAS OS OUTROS, OS TAIS MAUS, TÊM COPAS OUROS E PAUS, MUITAS BISCAS... COISA FINA! TÊM OS TRUNFOS TÊM AZES E SÃO MUITO BEM CAPAZES DE GANHAR... JOGANDO QUINA!

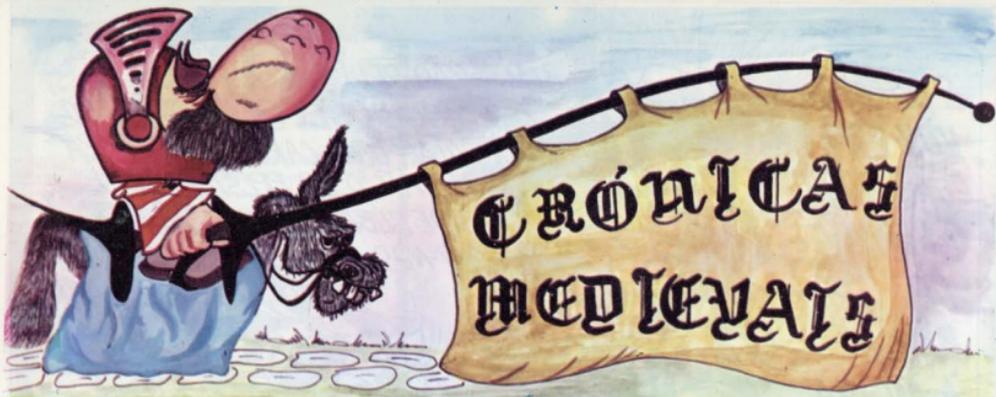


E QUEM
VOS EN-
COMENDOU
O SERMÃO
DE
BATER
À MINHA
PORTA ?

BEM... SÃO PEDRO... FOMOS
EMPORRADOS... ESTAVAMOS SO'
A COLAR UNS CARTAZITOS PARA
APOIAR O SR. PRESIDENTE E
VAI DE SÚBITO...
CAIU-NOS O

ZAZ!
CELI EM
CIMA!!!





AS ACENDALHAS

EL-REI
— E dizeide a toda a gente que bate à porta que hoje não recabo ninguém!

D.BRIOLANJA
— Que dizeides, senhor meu esposo? Acaso estaides com maleitas? Tereides a espinhela caída? Ou seria a cachaça que vos deu engulhos?

EL-REI
— Não me chatieides mais a moleirinha, senhora D. Briolanja! Acaso ignoraides as preocupações da minha atribulada vida?

D.BRIOLANJA
— Não me façai des rir, que tenho os beiços gretados! Chamaídes preocupações a essa vida de barriga cheia e pé dormente que aqui levaiades? Olhai de que nem sequer tendes que ir inaugurar nenhum chafariz, nem receber emissários de distantes terras, nem nadá!

EL-REI
— Então vós cuidai des, inconsciente brotoeja, que me não assaltam dúvidas e ansios a respeito do meu antigo reino?

D.BRIOLANJA
— E para qué, real senhor? Então não vos convencesteis que isso de andar a reinar lá na nossa terra, foi chão que deu usas? Que dúvidas e que ansios é que continuai des a albergar no vosso aboboral touço?

EL-REI
— Senhora D. Briolanja, atentaide no vosso linguajar, que ofensivo e perturbador o acho! Sabeide que do notável interior da minha caveira importantes locubações se agitam!

D.BRIOLANJA
— Bem o digo eu! Tereides concerteza a espinhela caída! Na verdade acho-vos muito caída! Andaídes de monco caída, e ainda ontem quando vos preparáveis para recolher ao talamo conjugal reparei que até as rotundas dobras da vossa real pança também estavam más caídas! Afinal tendes tudo pendurado! Não quereides consultar um físico?

EL-REI
— As maleitas de que sifro não as curam os físicos deste reino. Aquilo de que o meu real esqueleto precisa é de descanso!

D.BRIOLANJA
— Ainda mais do que aquele que tendes? Não fazeídes

nenhum...

EL-REI
— Isso pensai des vós, senhora D. Briolanja, com os rjolos de galinha que sempre tivesteídes! Sabeide que altos segredos de estado se albergam no interior do meu touço! Sabeide que sempre hei recebido novas do meu antigo reino, e que tal essas novas são promissoras ou assaralhopantes, assim eu me sinto reconfortado ou tramado! Percebeídes?

D.BRIOLANJA
— Não precisai des de ofender! E se eu me mostro agastada é porque afinal soides o meu esposo e senhor, e eu vejo sem razão nenhuma com um trombil de palmo e meio!

EL-REI
— Não duvido dos vossos sentires a meu respeito. E por isso vos digo que se estou basto chateado, é porque más novas recebi do mei antigo reino...

D.BRIOLANJA
— Dizeide, dizeide prestes, que morro de curio-bisbilhocidade! Que se passou por lá ultimamente? Teriam acaso posto mais alguns dos vossos dedicados servidores?

EL-REI
— Não senhora minha. Tão más não são as novas. Quanto a isso parece até que já diminuiu a sanha dos esbirros. Novas hei até de que alguns dos mancebos da minha guarda secreta são até muito bem tratados, e que estando embora a recato, se divertem em agradáveis jogos e pessoais torneios das suas artes...

D.BRIOLANJA
— Muito me apraz saber isso, senhor meu esposo. Afinal são bons mancebos e delicados entilhomens...

EL-REI
— Na verdade bem o dizeídes! São de tão boa índole que até levam a sua natural generosidade a treinar nos seus torneios os seus próprios guardas! Já visteis melhores corações que esses adoráveis moços?

D.BRIOLANJA
— Verdade é, senhor meu esposo! E ainda há quem lhes queira mal! Gente mal intencionada! Mas isso não são por certo as más novas que heis recebido...

cont. na pág. 10

CRÔNICAS DA CONTRA-PEÇONHA

O ILUSIONISTA MARCELO

Marcelo Caetano foi o primeiro o siso e aplicadíssimo aluno do Liceu de Camões, sempre com os livros debaixo do braço, de quem se murmurava a passagem: — Este vai longe! — E, de facto, acabou por ir para o Brasil, ainda mais longe do que longinquamente se supusera...

Depois de estudante que não dá tréguas nem domingos livres a Minerva, "um marrião" na saborosa gíria escolar, tivemos o Marcelo Caetano, professor universitário, a ensinar Direito Constitucional de olhos postos em Santo Tomás de Aquino, frio, distante dos alunos, enriquecido na sua cátedra, envolvido em sofiane e emanações de cloro. Era o "magister Dixit" por excelência, o juriconsulto romano, o habilidoso interprete da lei, o venerável servidor da norma jurídica de quem se dizia: — Este sabe o que quer! — É claro, queria suceder a Salazar!

Mais tarde, tivemos-lo ministro do ditador que ele admirava sem reservas e de quem era filho espiritual. Contudo, Salazar não podia suportar a ideia de existir um homem, à face do País, com competência para se lhe suceder: admitir isso era para ele como abdicar de uma parte do seu prestígio de meia auréola política e da sua convicção de ser um enviado da Providência — decerto, num dia em que a Providência estava muito zangada com os portugueses!... A propósito de um ministro que, a certa altura, gozou de enorme popularidade e que reforçava as suas esperanças à sucessão e à presidência do Conselho com um persistente "namoro" à igreja e aos Bispos, comentou ele com um riso escarninho: — Estão enganados, não é a mim que ele se vai suceder: é ao Cardeal Patriarca!

Da pasta ministerial, Marcelo regressou à cátedra, fez parte de conselhos de administração que acontecia aos

ministros despedidos por Salazar e redobrou o seu culto por Santo Tomás de Aquino. Ressentido. Mais frio. Disposto a esperar. A sua hora havia de soar!

Iluminou-se o seu rosto quando a hora souou. Os que tinham conhecido o hierático mestre de Direito de paralizada expressão, viram-no sorridente na Televisão, afável, com ar humano, tu-cá, tu-lá com todos. Talvez a febre do mando, a ambição desmedida, o objectivo alcançado, estivessem na base daquele repentina e pasmosa transformação. Talvez fosse rábula, congeminações outros. Incapazes de acompanhar a metamorfose da secura espartana em blandiciosos esgares labiais. Duma ou outra maneira, Marcelo Caetano nunca mais parou de prodigalizar ao País os seus sorrisos cativantes. Não terá sido homem que por mais tempo nos governou, mas foi concerteza aquele que mais nos sorriu.

O "deficit" aumentava mas Marcelo sorria. A guerra em Africa ia de mal a pior mas Marcelo continuava a sorrir. Todo o mundo nos apostrofava mas Marcelo sorria. A inflação crescia mas Marcelo tornava a sorrir. A emigração tomava as proporções de um exodo nacional mas Marcelo sorria. O País afundava-se, cobria-se de luto, desertava, apertava o cinto, já confundida a barriga com as costas mas Marcelo sorria...

O sorriso quase inperceptível dos seus primeiros estu-

lúgios televisivos alargava-se à medida que o mal-estar do povo reduplicava e embora ninguém lhe contestasse o inegável talento para figurante de anúncios de pastas dentíficas, generalizava-se a desconfiança ícerea das suas de governante... Incapaz de realizar a viragem esperada da nossa vida económica e política, incapaz de uma visão lúcida dos problemas, toda ou quase toda a sua actividade consistiu em iludir o povo, fazendo-lhe querer que o não deixavam fazer aquilo que desejava — jogo político, digno de Maquiavel para mascarar a sua ambição do poder e a sua inabilidade administrativa. Salazar era um ditador ao natural. Marcelo, um ditador "au gratin" era um ilusionista a quem as sortes de prestidigitação saíam sempre erradas:

— quando queria tirar uma pomba do chapéu, tirava um cão polícia. Se pretendia transformar um lápis numa pluma, transformava-o num "cacete". Se desejava fazer aparecer de dentro de uma caixa de fósforos um bacadinho, aparecia um almirante. Se se esforçava por extrair vários lenços de um só lenço,

extraía uma mordapa. Se anunciava Scherzade saída de uma nuvem de fumo, saía Frankenstein...

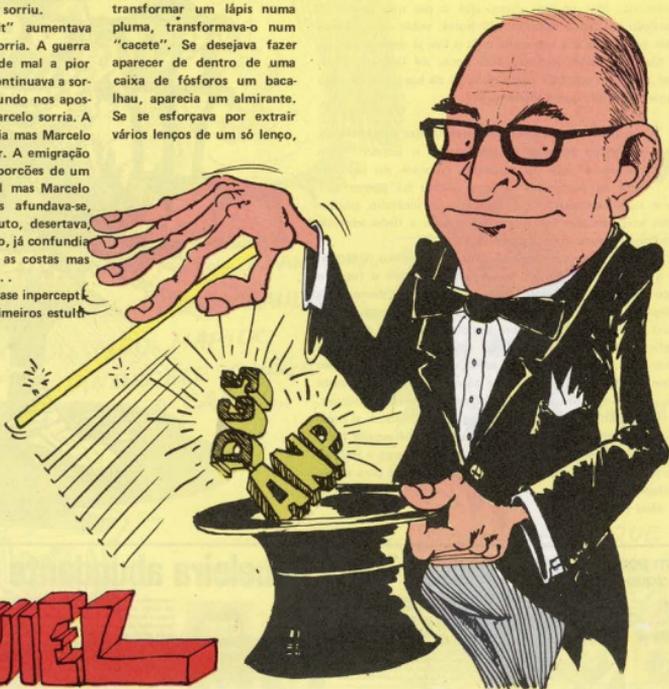
Por muitos truques que usasse, não era possível mascarar a realidade. Pusera dois laparotes cor-de-rosa na cabeça do salazarismo mas o salazarismo continuava.

Como continuava a corrupção, o povo sem fundo dos sacos azuis e o neputismo. Um sobrinho era ministro. Uma irmã recebia uma Ordem de Benemerência. Um patricio sobrava outra pasta ministerial. Mas Marcelo sorria e o País engolia em seco. A PIDE mantinha os mesmos elementos, o mesmo chefe mas passara a chamar-se DGS: Praticavam-se torturas. Mas Marcelo conservava a sua inalterável sorriso angélico e persuasivo.

É sabido que os sorrisos

políticos abundam onde o desastre prolifera. Salazar mostrou ao País uma cara de pau até ao dia em que se iniciou a guerra colonial. Daí em diante, com um breve interregno de lutuosa expressão, sorriu aos portugueses até ao fim da vida. Do mesmo modo que o jovial Richard Nixon se tornou quase eufórico quando estalou o caso Watergate, arraganhando a boca até às orelhas à opinião pública americana.

Na Ásia, sobretudo na China, dizem os psicólogos um sorriso tem um significado muito especial, incompreensível para um europeu. No entanto, parece que na Europa o sorriso se começa a tornar matéria de novos estudos e explicações psicológicas. Porque se o sorriso de Marcelo não era asiático, pelo menos era muito asiático...



POR EZEQUIEL

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS



Diz o povo que vale mais a quem Deus ajuda do que quem muito madruga. E parece que é verdade. Pois o Sr. Fidalgo Vilarinho, que é um industrial ali das bandas da Gafanha da Nazaré, tinha num terreno seu um furo artesiano (que lhe tinha custado bom dinheiro) e donde tirava a água que precisava na propriedade. Mas em certa altura o Sr. Vilarinho pensou que o furo lhe dava muito mais jeito se ficasse aí uns dez metros mais para o lado.

E dispôs-se a tapar aquele buraco e a abrir o outro. Que diabo! Já sabia que tinha água a 12 metros de profundidade, por isso o novo buraco não havia de ser muito caro. E pronto. Vá de tapar o furinho e chamar o pessoal para abrir o outro dez metros ao lado.

A sonda lá foi até aos doze metros: mas depois com grande surpresa de toda a gente, em vez de água... saiu gás! E saiu gás que quando um trabalhador acendeu ali ao pé um cigarro, ficou num jacto de labareda de dez metros de altura. O Sr. Vilarinho agora parece que está disposto a fazer outro buraco dez metros mais abaixo, a ver se sai petróleo, que isso é que lhe dava jeito!

Em Shaumburg, Inglaterra, realizou-se há pouco tempo um campeonato que parece que é hábito fazer lá todos os anos: chama-se a maratona do beijo, e consiste em saber quem é que consegue beijar durante mais tempo. Claro que concorrentes não faltam... ao princípio. Mas se lhes disser que o par que ganharam a competição se beijou durante 100 horas, vocês com certeza acabam por ver que a maratona para o fim já deve enjorar...

Mas foi assim mesmo. 100 horas de lábios unidos, apenas com intervalos de cinco minutos de hora a hora, para descansar. O leitor quer inscrever-se?

Num hotel de Londres, no terminal das linhas aéreas, o serviço respeita religiosamente o letrinho "Não incomode" que os hóspedes colocam do lado de fora da porta dos quartos. Ainda há pouco verificou-se num dos quartos um princípio de incêndio, porque um dos hóspedes que estava muito cansado e tinha adormecido a fumar, pegou fogo à cama.

Vieram os bombeiros, ambulâncias e médicos, e arrombada a porta do quarto os bombeiros apagaram o fogo, o médico observou o cliente (que continuava a dormir) os empregados fizeram a cama de novo (e o cliente continuou a dormir) e o hoteleiro uma hora depois ainda tinha que estar a explicar aos jornalistas que sim senhor, que tinha havido um princípio de incêndio numa cama, mas que as suas camas estavam ligadas a um sistema de alarme, e que sim senhor que o cliente não tinha sofrido nada e que estava a dormir.

E quando os jornalistas o quiseram entrevistar, o hoteleiro opôs-se terminantemente, porque disse, o hóspede tinha pendurado no lado de fora da porta do seu quarto o letrinho "Não incomode" e os desejos dos hóspedes, eram para serem respeitados.

Mais nada.

AGORA

JÁ YOU ENXERGANDO QUALQUER COISITA... MAS FOI MUITO TEMPO ÀS ESCURAS E AINDA HÁ QUEM QUEIRA APAGAR AS LUZES...



Sem postições, sem peruca, sem qualquer tratamento - e contudo

"Uma Cabeleira abundante em 4 horas apenas"



honesto? Fazerem? Não. Com efeito, com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe pode, em cerca de 4 horas, voltar a ter cabelo natural como se se tratasse de seu próprio cabelo. Tal se consegue através de uma técnica perfeita desmoxidada e aperfeiçoada durante anos. Os seus próprios cabelos, desde que sejam uma corça de cabelo) são entretidos, invivíveis e finalmente, com cabelo venditório, cuidadosamente escolhido. O cabelo é pintado de acordo com os seus desejos. Também de acordo com os seus desejos, pode com



o processo de entretimento de cabelos Eurocabe e através de fases sucessivas, acrescentar mais e mais cabelos. Com o processo de entretimento de cabelos Eurocabe processo extraordinário já utilizado em 8 países de Europa) pode sentir-se seguro e nadar, tomar sol, lavar a cabeça, dormir, andar em carros rápidos, nunca passara - fazer tudo o que mais lhe agradar. Venha já, mesmo sem entusiasmo imediato, ou telefonemas: O caminho mais simples para um cabelo novo é o caminho da Eurocabe. Rua Nova de S. Paulo, 29-A - Lisboa - Tel. 55 96 82 Rua 54 da Bandeira, 331-4º Dia - Porto - Tel. 27 871

eurocabe

Instituto para Novos Cabelos

Uma nova personalidade em quatro horas

Para obter mais informações, escreva para: Rua Nova de S. Paulo, 29-A, Lisboa - Tel. 55 96 82

ORA CONTE-NOS

...VOGÊ É DA MAIORIA SILENCIOSA?



POIS SOU VÊ-SE LOGO... SÓ A DORMIR E QUE RESSONO UM POUQUINHO...!!!

BÊBADO

CAPITALISTA

SOU SIM SENHOR EU E MAIS UMA DÚZIA DE AMIGOS..!!



NACIONALISTA

E MESMO QUANDO ME GAGO ATE SOU DO BUFAS!...



ESPOSA AMANTÍSSIMA

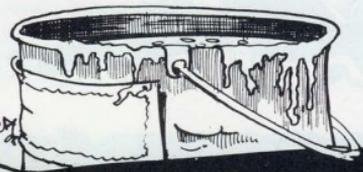
SOU...

MENOS PRÓ MALANDRO DO MEU MARIDO QUANDO ELE CHEGA TARDE A CASA!....



JOGADOR DE FUTEBOL

COMO É QUE QUERIA QUE EU FALASSE COM 50.000 GAJOS A GRITAREM E A CHAMAREM-ME TODO?..



DESCARADAMENTE Julieta

JULIETA NO CAIS DO SODRÉ
OU AS DIFICULDADES DA VIDA FÁCIL

Um folhetim
por *533 @ UMBEL*



2º episódio



Julieta



“Ou comemos a vida ou a vida nos come”. Julieta não conhecia este provérbio polifônico que, naturalmente, nunca circulara em A-da-Fone mas sabia por instinto que a vida se dividia em duas espécies de selvagens: a selvagem das pessoas de família, uma selvagem por vezes amável, e a selvagem dos estranhos cujo o perigo dependia da pele que vestíamos. A sua expressão de confiança murchava à medida que o comboio se aproximava de Lisboa e lia intenções malévolas em todos os olhares.

— É a primeira vez que vai a Lisboa? — perguntou-lhe um velho de pequena estatura e cabelos brancos que viajava ao seu lado.
— Vou e não venho para conversar — ripostou a valorosa moça.

— Sim, senhora! — aplaudiu o velhote, divertido — Godto de ver uma rapariga séria! Tal como as minhas filhas! Mas esteja descansada; já tenho cabelos brancos como você.

— E isso o que tem? — voltou Julieta — Só os velhos com cabelos pretos ou carecas é que são malandros?

— Em redor, algumas pessoas sorriam.
— A menina tem a resposta na ponta da língua... — observou o velho.

— Às vezes, tenho-a na ponta do pé.
— É tal qual a minha Laurinda — o homem não desarmava — Sabes-vos visitar as minhas filhas a Lisboa. Não as vejo há quatro e uma delas, coitada está internada. Sofre de paranoia deambulatória.

— Isso a modos que é uma espécie de bicos de papagaio... — considerou Julieta — o está no hospital?

— Pois, aí começa a minha confusão. Não está no hospital. Está na prisão.

— É capaz de ser doença muito contagiosa — Julieta perguntava a si própria o que seria aquela tal tromba deambulatória.

— A rapariga tinha a mania de andar. Foi assim que as irmãs me contaram. E andava toda a noite pelas ruas de Lisboa. Muita gente tinha pena dela e parava o carro para lhe oferecer uma boleia... Mas ela só aceitava quando estava muito cansada.

— Que doença esquisita! — exclamou a rapariga.

— Disse-me um compadre que vem muito a Lisboa que tem visto muitos desses casos. Contam-me!

Julieta relançou o velhote. Devia ser um lavrador de algumas posses e tinha um soberbo relógio de ouro no pulso esquerdo.

— E as suas outras filhas? — inquiriu ela.

— Ah, essas não me dão trabalhos. Têm o juízo no seu lugar, no bairro da “alta”, o Bairro Alto. E não se esqueceram da terra, não senhor. O meu compadre que as viu da última vez, quando veio a Lisboa, contou-me com as lágrimas nos olhos. “As tuas pequenas estão famosas, habituadas a Lisboa, mas cheias de saudades. Só falam de cabritos, uma com a outra”.

Julieta já não o ouvia. Tinha de restabelecer a confiança em si própria e embora a conversa do velhote não parecesse esconder qualquer armadilha, ela preparava-se para actuar... Quando o comboio penetrou no túnel, aproveitou a ocasião para soltar um grito horrível:

— Acudam-me! Acudam-me que este velho malvado me faz um desacato mesmo aqui.

COMUNICADOS



DO PARTIDO SEM CONCERTO (P.S.C.)

Lamentamos a nossa completa impossibilidade de continuarmos a exercer a nossa actividade de reciclagem de elementos válidos e ainda aproveitáveis perante os presentes condicionamentos, visto alguns dos nossos soberanamente parvos dirigentes se terem convencido que a coisa estava no papo e terem começado a mandar vir como se ainda fosse tudo deles.

É claro que depois de sofrer algumas obras de restauro e readaptação, esperamos voltar a congregar para os fins convenientes os inúmeros simpatizantes, militantes e outros activistas d'antes, assim que a gente saia da choça.

Desistir é que a gente não desiste.

CENTRO ABASTECEDOR DE GREVES AVULSO (C.A.G.A.)

Informam-se todos os interessados que estamos aptos a organizar toda a espécie de greves, com preparação de manifestos, escolha e decoração de cartazes, programas de reivindicações e manifestações espontâneas devidamente organizadas.

Condições excepcionais para grandes empresas. Também, mediante avença, se arranjam Lock-outs bastante aceitáveis.

AS ACENDALHAS

cont. na pág. 4

EL-REI

— Não são, bem o dizeides, senhora minha esposa. As más novas que hei recebido referem que afinal as minhas esperanças de regresso ao nosso antigo reino parecem muito periclitantes. . .

D.BRIOLANJA

— Ai, não me digaiades semelhante isso! E eu que até já tinha dito à minha aia Brazuca para ir fazendo a trouxa!

EL-REI

— Pois desentrouxai-a! Parece que as coisas por lá estão um bocado sarrafuscas e os infieis que me destronaram, têm andado muito encarniçados contra os infelizes nobres da minha corte que ainda por lá ficaram. . .

D.BRIOLANJA

— Não me digaiades! E que lhes têm feito? Têm sido torturados? Acaso os levaram ao garrote? Ou à roda?

EL-REI

— Não senhora minha! À roda só anda à quinta feira a lotaria. Mas ao que me consta têm sido chateados à brava!

D.BRIOLANJA

— Mas pelo menos se não têm sido esquarterados. . .

EL-REI

— Não, senhora, não! Os infieis não foram ainda a tais extremos. Se bem que cá no meu bestunto, a alguns dos nobres do meu conselho que bastante me lixaram a vida, até me fazia jeito que eles não fossem objecto de tanta clemência. . .

D.BRIOLANJA

— Não digaiades isso, senhor meu esposo, que se alguém vos ouve deixará de ficar para a posteridade o vosso cognome de Venerando! Mas então que fazem os infieis a esses vossos dedicados e apaniguados servidores que, segundo me dissestes vos continuavam a ser fieis?

EL-REI

— Estranhas punições lhes dão! Tratam-nos como se eles fossem aqueles pauzinhos de acendalha a que a plebe chama fósforos!

D.BRIOLANJA

— Credo, senhor meu esposo! Que tormento novo é isso que dizeides?

EL-REI

— É um tormento desrortante! Deixam-nos estar muito quietinhos e muito quedos, como esses fósforos estão dentro da caixa. E enquanto assim estão, assim os deixão estar, vivendo numa cruel incerteza de futuro. . .

D.BRIOLANJA

— E depois?

EL-REI

— Depois, tal como a esses fósforos, quando deitam a cabeça de fora, lixam-nos!



CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

TRISTE VIUVINHA — Já não sei o que devo fazer. Se visto toda de preto e ando a olhar para o chão, toda a gente se afasta de mim, respeitando o meu luto. Se me visto de cores garridas e sorrio, pensam que eu sou destravada e dizem coitadinho do marido que já lá está. Mas a verdade é que eu . . . bom; os senhores compreendem: não queria ficar toda a vida viuva. . .

RESPOSTA — Acho que tem toda a razão. Deve manter uma compostura relativa, assim a modos que nem carne nem peixe. E se, como presumimos está ainda jovem, não lhe será difícil encontrar de novo marido. Boa sorte.

TRISTE VIUVINHA — Na minha carta anterior esquici-me de dizer que isto já é a terceira vez que me acontece. Das outras vezes, quando o meu primeiro e o meu segundo marido morreram, não me importei muito porque ainda não me custava ir aos domingos ao cemitério, de vestido preto e véu a tapar os olhos, que era para se saber que eu era viuva. Foi assim que arranji estes dois últimos. Mas agora, já o reumatismo não me deixa andar muito, e embora seja ainda nova — ainda tenho pouco mais que cinquenta anos. . . bom: sinceramente tenho sessenta e quatro, mas ninguém mós dá — já me custa lá ir todos os domingos sem resultado nenhum. Que me aconselha?

RESPOSTA — Já experimentou pôr um anúncio a pedir um cangalheiro para marido?

DOX O FIEL AMIGO DO SEU CARRO!

o NOVO anti-roubo ELECTRONICO!
PATENTE ITALIANA.

EFICAZ
contra os "patos"

DOX

Distribuidores Exclusivos:
AUTO ROMA, LDA.
Avenida de Paris, 20-A-20-B
TELEFONES: 724298-722156-727148 - Lisboa

MONTAGEM RAPIDA

DESCARADAMENTE Julieta

cont. das centrais

Ergueram-se várias pessoas e quando o combóio saiu do túnel uma mulher grave agrediu violentamente o velhote dos cabelos brancos e das filhas que falavam em cabritos. Vibrou-lhe com um guarda-chuva súbito no tóuço atônito e o homem deu um berro de surpresa e dor. Mas ainda não se recuperou do ataque e já um rapaz o atacava a soco, enquanto Julieta continuava a pedir socorro em altos gritos.

— Toma, tarado sexual! — bramava a senhora do guarda-chuva, dando-lhe com ele — julgas que estás na América, meu sádico?

— Eu compreendi logo quando ele meteu conversa com a pobre rapariga — afirmava uma mãe para a filha.

— Se o túnel fosse mais comprido, tinha abusado desta pobre criança! — indignava-se outra senhora.

Entretanto, todos à uma, várias pessoas malhavam no velhote que protestava a sua inocência. No primeiro apeadeiro, lançaram-no pela porta fora. Julieta agradeceu a todos o precioso auxílio — e sorratamente, acariocou o relógio de ouro que arrancara do pulso do velhote. O estratagem era resultado.

Quando, pouco depois, chegaram à estação de Santa Apolónia, a senhora do guar-

da-chuva ofereceu-se para albergar Julieta na sua primeira noite em Lisboa.

— Não conoves a cidade e há velhos sádicos a cada esquina. Em minha casa que é casa de mulher só mas séria, não te acontecerá nada de mal.

Tomaram um taxi e a sua protectora prosseguiu:

— Detesto o barulho dos combóios, dos sinos, das campainhas de porta mas adoro o apito dos barcos. Por isso moro no Cais do Sodré, não é longe. Podes tratar-me por D. Casimira que é como todos me tratam.

— A D. Casimira é muito boa — elogiou Julieta que não tirava os olhos do seu cordão de ouro.

— E ainda tu não me conheces. Não é para me gabar, minha filha mas sou uma jóia. Sabes donde eu venho? De cuidar de uma irmã que estava doenta. Fiz duzentos quilómetros para ir ajudá-la, a ela que sempre disse mal de mim por inveja e sabes o que a ingrata da minha irmã fez, quando me viu?

— Não sei, D. Casimira.

— Morreu! Imagina tu que a grande ingrata morreu!

O taxi estacionara diante dum prédio velho. Desembarcava a bagagem, subiram por uma estreita escada até a um terceiro andar e entraram em casa de D. Casimira. O telefone tocava persistentemente e ela acorreu a atendê-lo. Ao voltar, explicou a Julieta:

— Era o meu afilhado. Vem aí. Está cheio de saudades da madrinha.



Sentaram-se na sala que parecia arranjada por um decorador demente. Havia passaros e animais embaixados por todos os cantos e uma grande profusão de flores de plástico. Julieta ficou maravilhada, achando que se encontrava num palácio.

— Tenho um feitio optimo — continuou D. Casimira — Não é para me gabar mas toda a gente me reconhece essa qualidade. Só não gosto de pessoas que falam muito, das que batem com portas, das que usam roupa interior encaimada, das vexas, das porcas, das fascistas, das democratas, das comunistas, dos carteiros, dos empregados do super-mercado e da carris, dos vendedores ambulantes... De resto, dou-me bem com toda a gente.

Entretanto, chegou o afilhado, apresentado o Tony, um moçoito de dezoito anos

que beijou D. Casimira com efusão e a quiz pegar ao colo. De seguida, lançou de chofre:

— Ainda bem que chegastes, Mirita. Preciso de quatro "pintores".

— És um sorvedouro! — queixou-se D. Casimira — Então, já gastastes os dois "sacos" que te deixei?

— Só me resta uma "ventuinha" e cá o filho não consegue "dar ao serrote" e alimentar o cabedal com uma ventuinha.

Julieta que ignorava que um "pintor" fossem cem escudos, que nunca ouvira designar uma nota de conto por um "saco" nem uma de vinte escudos por uma "ventuinha" tentava seguir a bracadabrante conversa. Para ser agradável a D. Casimira, sorria de quando em quando ao seu afilhado e foi este sorriso a causa do que repentinamente se passou. Numa brusca mudança de humor a bondosa e benemerita D. Casimira increpou-a duramente:

— Que é que estás para aí a sorrir ao meu afilhado, sua lamosgoia? Não podes ver um homem? Viciosa, perversificada! Põe-te a mexer da minha casa! Rua!

— Deixa a pobre rapari-

ga... Pedia o Tony — tu tens ciuimes de todas, és uma escandalosa!

D. Casimira pegou em Julieta por um braço e conduziu-a porta:

— Não me tornes a aparecer grande safada. O meu Tony não é para os teus dentes!

Com a sua trouxa, a rapariga viu-se na rua em pleno Cais do Sodré. Era meia-noite. Sorriu escarninhamente e apalpus o pequeno cinzeiro de madreperola que roubara de casa da sua breve anfitriã, enquanto ela fora ao telefone.

Procuraria uma pensão onde pernoitar e, no dia seguinte, trataria de encontrar emprego. Havia de se virar da D. Casimira. O seu cordão de ouro e o seu Tony ainda lhe haviam de vir parar às mãos...



OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração Rua Conde de Redondo nº 12-2º - LISBOA Tel. 53 85 85 - 53 79 49 4 86 68 - 56 31 58

Composto e impresso na LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas - Rua Saraiva de Carvalho - Lisboa



ÁGUA QUENTE?

SÓ COM OS

CHUVEIROS ELÉCTRICOS

LORENZETTI

INFORME-SE JÁ:

J. J. MADEIRA FONSECA — Rua Bernardim Ribeiro, 26-1.º Dto. — LISBOA — Telef. 538119

Crônica nortenha e o mais que à rede venha



LIVROS A SUCAPA

CHÁ E SIMPATIA

Bom, à sucapa não será exactamente — mas não anda muito longe... Refiro-me ao que se passa com a Biblioteca Pública Municipal do Porto, que fecha as suas portas quando mais devia tê-las abertas (nas tardes de sábado e aos domingos); e onde, cinco meses e tal depois do 25 de Abril, se encontra ainda em vigor, subscrito pelo Director e afixado pelas paredes, um Regulamento de 14 — artigos — 14, no qual se obrigam (n.2) os frequentadores a depositar “no vestidário da entrada”, além de chapéus e guarda-chuvas, também “pastas, livros e involuços de qualquer espécie”, se autoriza (n. 4) a admissão de estrangeiros (“munidos de passaportes ou de cédulas de identidade”) apenas “depois de apresentados e recomendados pelas Embaixadas, Legações ou Consulados”, e se adverte (n. 6) que “serão recusados à leitura, ou facultados com reservas, os livros equívocos ou contrários a uma boa formação moral, cuja continuação seja proibida ou condicionada”.

Não sei, nem me interessa se o mal é local ou nacional, das pessoas ou das leis. SÓ TENHO É QUE PÔR A PERGUNTA: ATÉ QUANDO?

VOTOS OU CAMISAS?

Li e quase não acreditei. Veio há tempos num vespertino. Rezava, em sumo, assim:

“Continua por resolver a situação na fábrica X... Conversando com a Comissão de Trabalhadores, depois com a administração e, por fim, com ambas as partes em conjunto, os representantes das Forças Armadas convenceram os operários a votar secretamente a última proposta Administrativa... Foi aceite por uma escassa maioria de 5 por cento dos votos. Ao ser comunicado este resultado aos trabalhadores, grande parte destes manifestaram-se contra ele e bem assim contra a Administração e os elementos das Forças Armadas... Na sequência desta manifestação de desagrado, administradores e tropas deixaram as instalações... Verifico-se, de seguida, que apenas uma parte dos trabalhadores estava disposta a voltar ao trabalho, isto é, a aceitar a proposta da Administração.”

Quer dizer: os que, em maioria, votaram primeiro numa forma, na presença das Forças Armadas e através de escrutínio secreto (ou seja, com todas as garantias de autenticidade), passaram “de seguida” a votar de forma inversa!...

Pelo menos à vista desarmada, uma de duas, pois: ou houve uma proposta distorcida dos processos de actuação democrática, ou muito estavam... “com os comços” OU VIRAM-SE PRESSIONADOS, OU FORAM INCONSCIENTES.

Juro que detesto praticar “agressões ideológicas” tanto quanto detesto sofrê-las. É por isso que, daqui para o futuro, aos que me vierem dizer cobras e lagartos da Carta Pastoral dos Bispos Portugueses, ou dos padres que puseram obstáculos à actividade estudantil de alfabetização e de educação sanitária nos meios rurais, ou da informação tendenciosa que certos órgãos regionais de âmbito e influência mais ou menos paroquial vêm fornecendo, ou de outras coisas e factos do género — me limitarei a dar o conselho de que reservem antes energias e furor para a “opinião” que (com a devida vénia e para que conste) passo a reproduzir:

“Está para ver-se se o golpe de Estado e o Governo do General Spínola significam ou não uma revolução, ou, caso tenha sido esse o propósito, se conseguir realizá-la. Não é em vão que transcorrem na vida de uma nação quase meio século de ordem e, sobretudo quarenta anos de acção constante e permanente de um homem da inteligência, da probidade e da estirpe de Oliveira Salazar. De qualquer modo, fazem-se votos por que Portugal não caia no marxismo, nem volte a ser vítima dos liberais laicistas e maçons que tanto mal lhe fizeram nos tempos que precederam o Estado Novo”.

Escreveu-se como antecede no número de Abril-Junho de “Universitas”, revista da Pontifícia Universidade Católica Argentina de Buenos Aires.

“BUENOS AIRES” É COMO QUEM DIZ, CLARO.



HUMOR NEGRO



O homem voltou a olhar para a mostra da sapataria. Realmente não podia deixar de comprar urgentemente uns sapatos. Aqueles estavam no fim, e não podia ir para o emprego onde acaba de ser admitido, com os sapatos naquele estado.

Ainda tinha visto lá em casa, se havia por acaso algum outro par que se pudesse aproveitar, mas nada. Só lá estavam aqueles todos rotos e cambados que à noite lhe faziam de chinelos.

Mas o diabo é que o raio dos sapatos eram caros: O mais barato que vira era trezentos e cinquenta paus, e ele só tinha duzentos.

E mesmo assim aqueles duzentos já tinham tanto para onde ir, que nem que fizessem criação no bolso chegava.

O diabo é que os sapatos eram indispensáveis. . .

Entrou na loja. E de repente os olhos brilharam-lhe: Num tabuleiro havia um

monte de sapatos avulso, atados a dois pelos atacadores, sem caixas, nem coisas esquisitas e um letreiro enorme a dizer: SALDO. 50\$00. NÃO SE ACEITAM DEVOLUÇÕES.

QUE ACHADO! Percorreu-os avidamente, à procura duns número quarenta biqueira larga. Rapidamente, para que não viesse alguém e lhos tirasse das mãos, chamou o empregado e estendeu-lhe a nota de cinquenta, enquanto metia os sapatos debaixo do braço.

O homem meteu a nota na caixa, e deixou-o para ir atender outro cliente e ele retirou-se rapidamente todo satisfeito.

Quase correu, ao chegar a casa.

E quando foi provar os sapatos novos, ficou a olhar para eles, e a pensar no letreiro que proibia as devoluções.

Porque os dois sapatos eram do pé esquerdo.

OS SAPATOS NOVOS

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



— E esta? Então andavam vocês para aí a dizer que eu só fazia entrevistas banais e sem interesse, que as entrevistas boas eram as que se faziam na televisão, e outros disparates da mesma laia, e o que dizem agora, se foram capazes de fazer uma entrevista como a que eu fiz, hein? Ah, agora já se cala! Pois claro! Porque foi preciso que eu vos viesse ensinar o que é uma entrevista!

O quê? vocês ainda não sabem? Mas que santa ignorância, meus senhores! Razão tinha o meu colega Luiz Vaz quando escrevia: "No mar tanta tormenta e tanto dano, tanta vez a morte apercibida! Aqui tanta asneira e tanto engano, tanto parvo de ignorância infinita!"

Mas eu digo-vos. O que é que constitui hoje o assunto importante? A cólera. Quem é o responsável? Um senhor virus chamado Víbrião da Cólera Morbus.

Portanto... Era a esse senhor que eu tinha que entrevistar.

Claro que como ele era, como se sabe, muito pequenino e com a mania de querer sempre passar despercebido (os grandes são sempre assim) tive que usar duma artimanha para o entrevistar. Mas conseguí.

Fui buscar o microscópio da minha filha, e no domingo passado fui passar até aos arredores da cidade. Não foi preciso ir muito longe: logo à saída encontrei um lindíssimo conjunto de barracas, com uma fossa ao lado, e como o terreno está caro, uma fonte de chafurdo ali mesmo encostada, pertinho dum artístico curral de porcos com sua licença.

Puz no vidrinho uma pinguiinha daquela água, e claro que apostava o que quizessem que tinha apanhado o senhor Víbrião com a boca na botija.

Fui a correr para casa, meti o vidrinho no microscópio, e é claro, lá estava ele, furioso como se compreende.

— Mas que pouca vergonha

é esta? Porque é que você se meteu aqui? — Perguntou o Víbrião, irritadíssimo.

— Meu velho, agora que te apanhei, vamos conversar. Temos que esclarecer umas coisas lá p'ró meu jornal...

— Limpe o... que quiser ao seu jornal! Eu quero é cavar daqui! Tenho muito que fazer!

— Ó menino, não estasjes irritado! Porque é esse barulho todo?

— Não estar irritado? Então você não sabe que eu sou o micróbio da cólera? E já viu alguma vez um colérico que estivesse calmo? E ainda por cima com toda a série de poucas vergonhas que me an-

porquê deitam-se todos atrás de mim como gato a bofe, a querer dar-me cabo do canastro, e você ainda pergunta o que é que me tem estado a fazer?

— Bom mas parece que você sempre se tem ido governando...

— Lá isso tenho, mas estou a ver o futuro muito tremido! O que me tem valido tem sido a proteção de alguns difíceis devotos que me tem ajudado bastante, e tem mandado embora os meus perseguidores! Porque esses não caem nessas esparrelas de inovações que só servem para desviar o povo dos seus princípios!

— Ó parceiro, mas aqui

a vossa ignorância. Eu tenho sido sempre o mesmo. E olha, pena que não se vê não somente. Se não sabiam... melhor. Pelo menos não me andavam a chatear como andam.

— A gente tem que se defender...

— Chipa, mas isto é demais! Mandarem-me ferver, já era bastante! Eu não gosto muito, mas enfim: sempre era uma saunazita de vez em quando. Agora leixivia! Leixivia por cima de mim, como se eu fosse um par de cuecas caçadas! Isso é perfeitamente indecente! Olha eu se não fosse já ser colérico de mim, só com isso já ficava! Que tal está a pouca vergonha! Deixem lá cada um governar-se como sabe! Você gostava que lhe



dam para aí a fazer!

— Mas o que é que lhe têm estado a fazer?

— Você ainda pergunta, seu desvergonhado? Então eu andava por cá muito sossegadinho da vida há anos e anos, sem ninguém me chatear, e só lá de tempos em tempos é que aparecia um gajo barrigudo a inaugurar mais uma dessas engenhocas chamadas marcos fontenários, respirando-me assim terreno que era meu há centenas de anos, e agora de repente nem sei

p'ra nós tens que concordar que ultimamente tens andado a abusar... Já deste cabo do canastro a muita gente...

— Essa agora! Então você tem andado na lua? Eu sempre fiz a mesma vida, e tenho andado pelos mesmos sítios! Que ideia foi essa agora?

— Mas eu não sabia que você fazia assim tantos estragos...

— Ora, ora! Cantigas! Tá bem, desculpa-te com a censura. Vocês lá na cidade arranjam sempre desculpas para

deitassem leixivia por cima?

— Claro que não! Mas eu não sou nenhum micróbio!

— Isso é o que você julga!

Fique sabendo que os micróbios não se medem aos palmos! Chegue-se cá ao pé de mim que lhe ferro uma dentada, e vai ver se não fica aí a ganhar diá inteiro!

Olhei para o gajo, que continuava a esperar dentro da gota de água.

E com muito cuidadinho, deitei-lhe em cima da pinha um pingo de leixivia.

Rebola a bola

A NOITE EUROPEIA

Pois claro que foi um grande rebolão, na semana passada! O Porto rebolou-se todo a queimar os ingleses, com

quatro piladas que como resposta só tiveram um gemido e que deixou muitas dúvidas.

Mas enfim, arbitro é arbitro,

e agito é agito e golo é golo.

Mas os tripeirinhos não se ralaram; pois se até o aperiti-

vo, o primeiro golito lhes tinha sido oferecido por um adversário, que achou que ninguém dos cumprimentos e lum simples galhardete, a gentileza britânica ficava muito mais bem vista se oferecesse aos portugueses um golito...

Essam parece que o Porto começa bem...

Bom, cá por baixo a coisa foi nos mesmos moldes: o Benfica... soma e segue.

Também não quis deixar os seus créditos por mãos alheias e fez contas à moda do Porto: se eram quatro lá em cima, cá também tinham que ser! E foram quatro bravas sem direito a discussões, e com o rótulo de "não se aceitam devoluções".

Humberto, Nenê e o Jordão. Jordão... se fosse preciso até tinham feito mais misé-

ria. Mas o coitadinho do Vanlose: mania de se meter em cavalarias altas...

A música depois mudou de tom. Os leões não se deram bem com os ares de França, como de resto não se tem dado bem com os outros ares que tem andado ultimamente a respirar.

E o mais chato é que as desculpas habituais já não pegam: cansaço da equipa? O quê? No principio do campeonato? Desentendimentos com o treinador? Mas então esse caso não foi já resolvido? Jogadores sem garra... porquê? Agora de quem é que se queixam? Bom cá por mim acho muito bem que o Padre Alberto ande por lá com eles. Realmente o que eles precisam é duma boa absolvição...



MAS QUE CULPA É QUE EU TENHO DE SER PARECIDO COM UM GAJO DA PIDE?...

COISAS do ARCO da VELHA

Ora aqui temos mais receitas do tal almanaque de 1885. Continuamos a lembrar que talvez não seja muito conveniente pô-las em prática: se o fizerem a responsabilidade é vossa, que a gente já tem muito que fazer para termos que vos levar depois a um médico...

FEBRE QUARTÁ E QUOTIDIANA

Para febre quartá e quotidiana, que para tudo é muito bom, tomareis salva miuda ou da commum, hysopo, losna, salsa, hortelá, artemisia, e trevo, e pisado juntamente com a ferrugem mais grossa que houver na chaminé, e vinagre mui forte destemperado, e fazendo d'isto emplastos pequenos, se applicarão nos pulsos dos braços. Para o mesmo é muito bom tomar dois pães alvos, quentes, como sairem do forno, postos em vinagre e destilados por alambique, e duas horas antes que venha a febre ao enfermo dar-lhe a beber da dita água a quantidade de duas onças.

FEBRE TERÇA

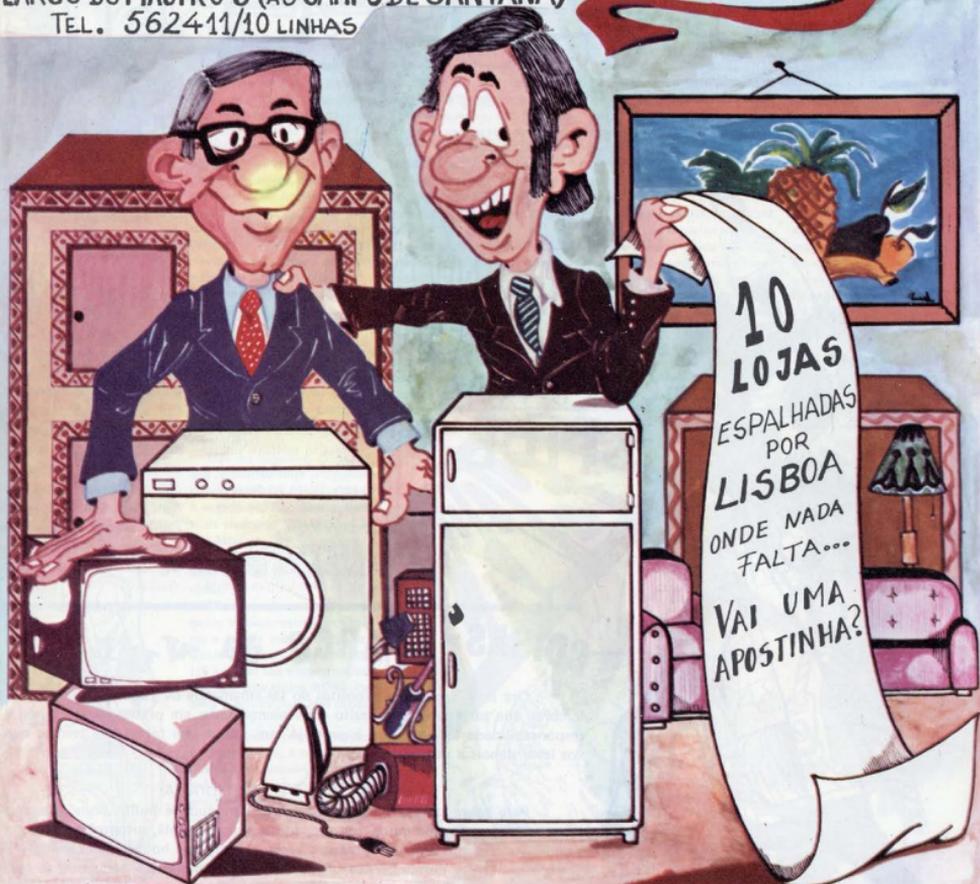
O remédio mais eficaz é tomar em jejum antes da febre, duas onças de sumo de romãs, e logo untar os pulsos e plantas dos pés com um pouco de unguento de populeão com duas drachmas de teias de aranha, e té-lo assim até que passe o rigor da febre.

FALTA DE SONO

Para quem não pode dormir, tomareis a semente de dormideiras, meimemdro, alfices e sumo de erva moura, ou leite de mulher, que crie filha, ou folhas de hera terrestre amassadas com a clara de um ovo, e lhe poreis um emplastro na testa e com isto dormireis.

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”